



Revista Científica Hermes

E-ISSN: 2175-0556

hermes@fipen.edu.br

Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa
Brasil

Gili Massi, Klécia

NOSSO GG EM HAVANA / PEDRO JUAN GUTIÉRREZ ; TRADUÇÃO PAULINA WATCH
E ARI ROITMAN. – RIO DE JANEIRO : OBJETIVA, 2008.

Revista Científica Hermes, vol. 1, julio-diciembre, 2009

Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa
Brasil, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=477648581006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

NOSSO GG EM HAVANA / PEDRO JUAN GUTIÉRREZ ; TRADUÇÃO PAULINA WATCH E ARI ROITMAN. – RIO DE JANEIRO : OBJETIVA, 2008.

Klécia Gili Massi

Faculdade Instituto Paulista de Ensino, Rua Euclides da Cunha, 377, Centro, Osasco, SP, CEP 06016-030.

A discussão sobre a validade de qualquer tipo de literatura é extensa e, por vezes, contraditória. Entretanto, não há demérito em apreender fatos da história através de um romance. Essa foi a base de minha decisão. Segundo a Revista Bravo! (junho de 2008), “o romance (Nosso GG em Havana) retrata uma capital anterior à chegada de Fidel Castro ao poder”. Portanto, objetivo, com a leitura deste livro e a escrita da resenha, compreender fatos da história de Cuba e apresentá-los aos leitores.

A história do livro se inicia em 1955, com um tal Mr. Greene chegando a Havana. Mais tarde, este senhor se envolve com um ator pornô e é em seu camarim que ambos encontram um cadáver. Nesse momento, há uma quebra estratégica que promove tensão, uma vez que o capítulo seguinte se inicia com o escritor Graham Greene prestes a lançar um livro em outro país. O escritor é surpreendido por notícias de seu envolvimento em um assassinato em Havana e vai até a capital de Cuba resolver o caso. Lá chegando, depara-se com uma cidade lasciva, onde o dinheiro tudo pode corromper.

Diversos trechos do livro nos mostram uma relação entre Cuba e EUA diferente da que conhecemos. Trago, aqui, alguns exemplos:

“Os cubanos tinham adotado os horários e os costumes americanos: acordavam cedo, às oito já estava tudo funcionando, e entre seis e sete da tarde a cidade definhava. Almoço ao meio-dia, jantar às oito da noite. Era uma cidade bonita, mas ao mesmo tempo se respiravam pragmatismo, eficiência, competitividade. Os Estados Unidos eram um vizinho poderoso, influente e próximo demais. Essa proximidade tinha, como tudo, vantagens e desvantagens.” (p.60)

“Além disso, queremos impor nossa ordem na ilha. Somos vizinhos muito próximos. A desordem pode perturbar a economia e a tranquilidade neste país. Não se pode permitir nenhuma desordem. Para nós, México e Cuba são muito importantes.” (p.69)

“Pelo tratado de Paris (10 de dezembro de 1898), a Espanha cedeu Cuba aos EUA e a 1º de janeiro de 1899 o domínio espanhol era substituído pela ocupação militar norte-americana, que se prolongou até 20 de maio de 1902” (Enciclopédia Barsa, 1989), quando a



direção do país foi entregue a seus naturais. Apesar disso, os EUA ainda tinham garantia de intervir no país e de instalar bases navais (como é o caso da base de Guantánamo). Com a república, muitos presidentes se seguiram até que, num estado de guerra civil, em 1º de janeiro de 1959, os revolucionários, liderados por Fidel Castro e Ernesto ‘Che’ Guevara, entravam em Havana. O projeto de Fidel incluía a criação de um governo nacionalista disposto a acabar com a corrupção e conseguir melhorias, como ampla reforma urbana e agrária, aumento do número de construções de escolas e hospitais, distribuição mais igualitária de renda, combate ao analfabetismo, nacionalização das empresas e elevação dos níveis salariais.

Em 1965, foi criado o Partido Comunista de Cuba, configurando-se assim um partido único estatal, cujo objetivo era dissolver todas as diferenças ideológicas e políticas e “perseguia um fim geopolítico: assegurar uma aliança com a União das Repúblicas Socialistas e Soviéticas (URSS), que protegeria Cuba no caso de verificar-se a anunciada intervenção norte-americana” (Rojas, 2007). Com o desmonte do bloco soviético e com o embargo dos EUA, os problemas se avolumaram e a ilha de Fidel transformou-se num país isolado.

Na obra, observamos a presença e intervenção dos EUA na vida social, política e econômica de Cuba. Tal situação nos impele a indagar sobre o que teria ocorrido se a revolução de Fidel não acontecesse? O livro tem uma resposta:

“... vê essa costa? Em três ou quatro anos vamos enchê-la de hotéis de luxo e de cassinos e praias.” (p.122)

Entretanto, o próprio autor nos mostra que “a realidade é sempre muito complicada. Por isso é inapreensível. A literatura não passa de uma verdade simplificada, uma semiverdade.” (p.58)

A obra é interessante, envolvente e intrigante. O retrato da cidade de Havana nos transporta e desperta a curiosidade sobre um local diferente do que hoje conhecemos. Refletir sobre o contexto em que os fatos acontecem é importante para compreendê-los melhor. O livro nos mostra isso com a história de Graham Greene.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Enciclopédia Barsa. 1989. Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, Rio de Janeiro – São Paulo. pp. 125,126.

Revista Bravo! Junho de 2008. **Número 130.** p.79

Rojas, R. 2007. Anatomia do entusiasmo. Cultura e revolução em Cuba (1959-1971). **Tempo Social 19(1):** 71-88.

